

**“MATA-ME DE RIR. FALA-ME DE AMOR. SONGES ET MENSONGES”:
DISSIDÊNCIAS HOMO/ERÓTICAS NAS TRAMAS DISCURSIVAS DO
ENVELHECIMENTO**

Fernando Pocahy¹

Resumo: Essa comunicação porta uma reflexão sobre performatividade de gênero a partir do espectro de uma cena de ‘amor’/‘sexo’ explicitamente tarifada entre homens. Ao acompanhar algumas cenas performadas por homens idosos e jovens garotos de programa (“profissionais do sexo”) em um bar ao estilo cabaré, na cidade de Porto Alegre, ensaiei uma aproximação de análise sobre experimentações homo/eróticas na cama dos discursos normativos onde se agitam enunciados performativos de gênero e da sexualidade diante da “velhice homossexual”, como também um performativo.

Palavras-chave: performatividade, corpo, gênero, homoerotismo, envelhecimento

1. “As aparências enganam aos que odeiam e aos que amam^{2 3}”: resignificações de si, redefinições da sexualidade, do gênero e da idade

Este texto⁴ “examina” alguns movimentos que poderiam nos permitir pensar em termos de alguma forma de resistência no jogo das significações normativas que cercam

¹ Doutor em Educação (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero – GEERGE. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). pocahy@uol.com.br

² As seções dessa comunicação estão grafadas letras de músicas interpretadas pelo artista transformista que realiza performances no bar que integra o terreno desta pesquisa. O primeiro extrato, no título do trabalho: “Joana Francesa” de Chico Buarque, interpretada por Elis Regina. E nessa primeira seção do trabalho: “Mudança dos ventos”, no título do texto, foi gravada por Nana Caymmi. As músicas se inserem aqui elementos importantes no exercício de compreensão das pedagogias de gênero e de sexualidade (LOURO, 2000) acionadas/produzidas nos espaços que analisamos. Entre as músicas mais executadas por Teobaldo, autor da personagem Marlene Soares, uma “velha dama” de 70, está “Te amar é tão bom”, interpretada por Adriana; L’Hymne à l’amour de Edith Piaf; “As aparências enganam aos que odeiam e aos que amam, com Elis Regina; e o hit popular O amor não deixa de Vanessa Camargo; encontra-se Sonho por Sonho, de Leandro e Leonardo.

³ Canção “As aparências enganam”, interpretada por Elis Regina.

⁴ Análise que integra a pesquisa de doutorado em Educação “Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento”, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Professora Dra. Guacira Lopes Louro. O estudo maior analisou formas de regulação do gênero e da sexualidade em interseccionalidade com a ‘idade’ e buscou problematizar os discursos de objetificação dirigidos a homens idosos que exercem práticas homo/eróticas. Tatrou-se de compreender de que maneira se produzem estratégias de contestação às significações desqualificantes sobre a (homo)sexualidade e o envelhecimento. A análise nos possibilitou compreender algumas das relações de poder em torno das formas de regulação da vida que se interseccionam às ‘marcas’ e ‘habilidades’ do corpo, aos discursos de racialização humana, às relações sociais abertamente tarifadas, à classe social, às representações de masculinidade e à ‘orientação sexual’. Este trabalho cartográfico sinaliza que mesmo



a “velhice homossexual” e a prostituição/ serviços sexuais como elos de uma relação social abjeta. A “virada” de jogo ou o “inusitado” que esta cena pode/poderia oferecer vem da idéia de que o prazer de uma relação “sexual” não é o único desejo de um cliente. O “sexo explicitamente tarifado” ou a “cena romântica remunerada” constituem diferentemente dos enunciados normativos de “carência” ou “necessidade”, apenas uma prova importante no contrato (serviço) entre certos clientes (geralmente de mais idade) e garotos de programa (ou também conhecidos como michês). O instante ou aparência do “romance”, vivido em uma noite de orgia, pode ser mesmo o que conta para estes homens. E que eu poderia arriscar dizer, trata-se de uma virada jogo, onde os ideais regulatórios da conjugalidade heterossexual ou mesmo da conjugalidade gay são distendidos. Isto é, a partir performatividades abjetas, se instauram entradas e saídas do regime romântico “sem dano”, certamente, porém, com algum investimento financeiro - explicitado desde o primeiro instante.

E é a análise desse jogo o que interessa para esta problematização - um dos eixos de minha pesquisa de doutorado em Educação (UFRGS), intitulada “Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento”; onde busco possibilidades de contestação diante das normas que cercam o envelhecimento “homossexual” como impensável e desinvestido eroticamente.

Encontrando-me com as ideias de Rose-Marie Lagrave (2009), considero “a velhice” como um lugar de contestação privilegiado das normas do gênero e da sexualidade. O que pode significar entender o envelhecimento como uma possibilidade de um momento de “revolta” (não de revolução) e de “subversão”; e não unicamente um momento de assistência ou de resignação. Lagrave propõe que “questionar uma ordem das idades é uma maneira de reencantamento, no sentido em que interrogamos sob novos riscos as evidências tributadas à velhice, realocando os recursos cognitivos e

que os sujeitos implicados nestes jogos de poder não tenham a intenção de produzir uma crítica à norma em questão, as cenas performativizadas nesses espaços de sociabilidade nos pareceram produtivas para compreender a hetero e a homonormatividade como regimes discursivos que trabalham na produção de uma cultura hetero/sexista e ‘velhista’. O estudo se produziu a partir de duas entradas de campo: a) uma sauna e videolocadora pornô frequentada por homens idosos e b) um bar onde as relações se organizam em torno do protagonismo de homens idosos e de garotos de programa. Estes dois contrapontos nos permitiram uma ampliação das formas de compreender as distintas e variadas formas de viver a (homo)sexualidade nas tramas discursivas da homonormatividade, considerada neste estudo como importante dispositivo na reificação da velhice como uma forma de abjeção.

políticos inusitados cruzando os efeitos recíprocos entre a ordem dos gêneros e das idades”⁵ (2009, p. 113).

Compreendo assim a idade como uma categoria política, histórica e contingente, assim como o são o gênero, a classe social, a sexualidade ou a “raça”. Mas não de forma isolada, pois o marcador etário e geracional dificilmente pode ser pensado sem essas intersecções. O que significa dizer que a idade organiza a vida ao conferir status de “humanidade” em diferentes formas e condições político-culturais, no mesmo instante em que gênero e sexualidade se tornam visíveis e possíveis nesta trama discursiva (ao fixar as possibilidades para cada idade da vida). Essa é uma das tramas presentes no projeto moderno. E, de fato, esta constatação não traz nenhuma novidade. No entanto, me pareceu estratégico pensar como a idade cria condições de inteligibilidade do que construímos em nossas sociedades ocidentais (pós) modernas como humano. E como gênero e sexualidade se articulam nesse projeto (bio)político.

2. Entre sussurros e gemidos: rastros metodológicos

Esta pesquisa segue no rastro dos estudos de gênero e sexualidade que dialogam com as idéias pós-estruturalistas influenciadas por Michel Foucault (1984a, b, c). Um dos investimentos de meu estudo seguiu interpelado pelas interrogações sobre a maneira como os sujeitos são constituídos, considerando-se os jogos de verdade que cercam o corpo, o gênero, a sexualidade e as relações intergeracionais. E desde as provocações do pensamento de Judith Butler (2005, 2006, 2010), persegui em alguma medida problematizações que possam colocar em evidência o que constitui ou não uma vida inteligível socialmente. Ou seja: como pressupostos do que é normal em matéria de gênero, sexualidade e idade contam para o status de humano e o que/ quem é possível em termos de uma vida viável (BUTLER, 2006).

Os princípios que definem a metodologia da pesquisa privilegiaram a perspectiva genealógica de Michel Foucault (1995), como ferramenta conceitual importante para o trabalho de problematização das condições de possibilidade e de emergência dos discursos que se opõem e/ou associam nos jogos de verdade e que dão contornos à relação dos sujeitos consigo mesmos no processo de sua (auto)constituição. E, de algum modo, foi acolhida aqui a proposta (foucaultiana) de uma recusa a métodos descritivos que priorizam a constância histórica ou o traço antropológico imediato. Um argumento que encontra desdobramentos em Tomaz Tadeu da Silva, ao afirmar que “o

⁵ « Mettre en question un ordre des âges est une manière de ré-enchantement, en ce qu'on interroge à nouveaux frais les évidences attachées à la vieillesse pour redéployer des ressources cognitives et politiques insoupçonnées, tout en croisant les effets réciproques entre ordre des genres et ordre des âges. »

mundo estático e morto das coisas e dos significados fixos é um mundo sem disputa, sem contestação. Ele está simplesmente ali: é um dado.”(2003; p.65). E por isso a perspectiva genealógica passou a ser utilizada neste estudo – na tessitura do texto; como possibilidade de traçar as linhas que constituem o regime de materialidade que torna possível um enunciado, redefinindo as suas possibilidades de (re)inscrição e legitimidade nos jogos de poder e verdade (FOUCAULT, 1995). Assim, levei em conta o efeito de raridade dos enunciados – o qual se trata de se aproximar da perspectiva de “pesar o ‘valor’ dos enunciados”, valor que não é definido por sua verdade, não é avaliado pela presença de um conteúdo secreto; mas caracteriza o lugar deles, sua capacidade de circulação e troca, sua possibilidade de transformação (FOUCAULT, 1995).

Nesse trabalho recorri a notas de campo na intencionalidade de “(d)escrever imagens”, recompondo cenas de sociabilidade e jogos erótico/ sexuais. Estas notas compreendem de uma parte dos registros de minha permanência durante as noites em um bar, durante o período de 2007 a 2010. Também se encontram presentes nesse material algumas conversas informais com jovens garotos de programa⁶, proprietários e funcionários do estabelecimento comercial que compõem o campo dessa pesquisa. Propus-me desta forma a uma sorte de bricolagem, juntando retalhos e pedaços de imagens, performances e conversas. E para isso foram tomados em análise recortes de cenas que indicaram algumas evidências acerca da disputa de significados e/ou de suas reiteraões (em disputa). Como sugere Janice Caifa: “(...) o trabalho de campo é um tipo de viagem – pela inquietação com outras experiências, pelo desejo de encontrar desconhecidos, pela disponibilidade para se expor a esse tipo de dificuldade, à novidade, à diferença” (2007, p. 149). No contexto desta análise que apresento nesta comunicação utilizo-me, sobretudo, de entrevistas com 8 homens majoritariamente entre 60 anos e/ou mais idade, habituais frequentadores deste bar, mas também de saunas e clubes “gays” da cidade de Porto Alegre, particularmente os espaços abertos às relações em torno do sexo tarifado com rapazes. Neste trabalho de “entre-vistas”, entre olhares, aportei-me da idéia de *récit de soi* proposta por Judith Butler a propósito dos modos de dizer de como um texto performativo, no sentido em que “o corpo singular

⁶ A idade média dos garotos varia entre 18 e 26 anos. Raros são aqueles que possuem mais de trinta anos. E de uma forma em geral a experiência do trabalho como garoto de programa é variável e situacional, compreendendo diferentes **períodos** de permanência no ramo. No entanto, conhecemos não poucos rapazes que desempenham a atividade desde 15 anos de trabalho, tendo iniciado suas carreiras ainda menores de idade. Estes rapazes geralmente vivem bem integrados aos espaços de sociabilidade LGBT e não é difícil encontrar alguns deles em sociabilidades de lazer LGBT diversas, e mesmo de vê-los presentes à Parada Livre (o correspondente em Porto Alegre às Paradas do Orgulho LGBT).

ao qual se refere uma narrativa não pode ser ele mesmo plenamente capturado pela narrativa” (BUTLER, 2005c, p. 7)? É a partir dessa perspectiva que se pode também compreender o texto de uma entrevista como a materialidade discursiva de um performativo.

3. *“Eu poderia mentir que sou feliz, mas o amor não deixa”*⁷: Sexo, ‘mentiras’ e rapazes

Um bar frequentado por homens mais velhos que procuram um lugar para conversar, dançar um pouco, beber uma cerveja, encontrar seus pares ou talvez um jovem rapaz para uma ‘relação amorosa’, uma transa, um namorinho ou um casinho. Nos anúncios das mídias gays locais a especialidade das casas é direta: “local com garotos” e “suítes”. Aqui se chega relativamente cedo para o contexto noturno ‘gay’ de Porto Alegre: às 20h30min o movimento já começa, seguindo um roteiro para garotos e clientes. Alguns boys (também conhecidos como michês) chegam diretamente ao Bar Ouro, bem cedinho, e outros ainda tardam um pouco mais, pois têm de cumprir o contrato das saunas: “saída liberada para boy, somente depois das 22h”, avisam as casas (do contrário, devem pagar a entrada – que varia de 4 a 15 reais, dependendo do estabelecimento). O terceiro turno para alguns dos rapazes, a Boate Prata, outro estabelecimento do ramo, está a apenas 20 minutos de caminhada, entrecruzando as avenidas centrais que levam ao miolo da zona norte da cidade. Mas, para a maioria dos senhores clientes, o Bar Ouro é a última estação da noite, salvo para alguns clientes mais ‘dinâmicos’ (que são os sujeitos mais presentes no corpo da tese que subsidia este trabalho).

O Bar (e a Sauna ou a Boate) com garotos de programa se organiza pelo culto do desejo e prazeres que se engatam pela pele viçosa, músculos rijos e uma “estética de periferia” (conforme afirmam alguns clientes). A juventude esplêndida recita os ideais de beleza contemporâneos no tesão pelo boy “belo”⁸, mas que deve portar também signos de masculinidade viril (seja por sua origem social e geográfica, seja pela performance corporal de ‘um homem de verdade’). Uma simples constatação é derrisória também nesta configuração erótica: não há garotos de programa que não sejam jovens⁹, diferente das mulheres profissionais do sexo onde se podem encontrar

⁷ Extrato da canção « O amor não deixa », interpretada por Vanessa Camargo.

⁸ Uma das expressões mais comuns para referir-se aos garotos de programa diz respeito a esta conjunção “boy belo” (que vem sempre pronunciado de forma a dar-se acento a primeira sílaba, em tom demorado: “belo”) “um boy belíssimo” (aqui, a entonação na segunda sílaba também se arrasta).

⁹ Pode-se ver (eventualmente) um homem quarentão a fazer ponto na Avenida José Bonifácio, em Porto Alegre, ou comumente na Praça da República, em São Paulo; mas dificilmente encontram-se homens

idosas. No entanto, se o corpo idoso neste lugar não é o sujeito do investimento erótico. De outra parte ele é o grande organizador da cena. E, se não há cliente, não há negócio. Claro, se não houver ‘bofe’(michê), é possível que não haja clientes. Mesmo assim o corpo idoso não deixa jamais de ser um corpo evidente nestes espaços, fazendo contraste com as medidas da dita exuberância do corpo juvenil dos boys. O corpo do idoso aqui se (des)constrói e se oferece a outra possibilidade: ser tocado, percebido, visto, mas não pelo seu par etário. André, 67 anos, um dos interlocutores mais presentes neste trabalho de campo, evidencia-nos algo da forma como seu companheiro de idade pode ser ‘encarado’: “(...) uma vez o Esteban chegou e entrou aqui... Vamos no Cabaret¹⁰? Eu disse: vamos! Tinha festa dos ursos. Mas eu sai na mesma hora... Tava tudo pelado, suado e não tinha guri, daí sai na mesma hora.”

No Bar a (homo)eroticidade se faz através do olhar do outro cliente que o vê, mas que não o toca. Nesta cena o companheiro de mesma geração não encontra investimento erótico ou uma possibilidade de desejo. Ele é ou um cúmplice ou um concorrente. A companhia do boy faz a beleza do ‘velho’, através de um status que muitos clientes desejam. Mas ter a companhia do ‘boy’, ser tocado por um rapaz é também a possibilidade de um corpo que deixa de ser socialmente percebido como desprezível (pelo menos neste momento) e desejado eroticamente. Embora, cabe ressaltar que muitos clientes mais jovens sentem-se ultrajados ao serem preteridos pelos garotos, em razão de um cliente idoso.

Esta constatação não encerra definitivamente as possibilidades que estes lugares oferecem em termos de ‘problemas’ para as categorias discursivas de gênero, sexualidade e idade. O Bar é também um lugar onde histórias da ‘velhice’ e da ‘homossexualidade’ são recontadas, revividas e, de alguma forma, transmitidas ‘às novas gerações’ ou aos novos aventureiros: os aprendizes (clientes mais jovens em idade ou tempo no lugar) e os jovens garotos de programa. Um espaço onde se exercem pedagogias de gênero e de sexualidade (LOURO, 2000), que são materializadas em performances teatrais, em concursos de beleza – para garotos de programa (concurso o “boy mais belo”) e para clientes (“Miss Plenitude”¹¹) -, onde as conquistas e as proezas

maduros e que não tenham um corpo ‘ajeitado’ (por vezes a músculos sacrificados), visto circulando pelos espaços de prostituição masculina.

¹⁰ Não indico o real nome dos estabelecimentos. Observo apenas que essa boate funciona também com a presença de garotos de programa, sendo reconhecida há muitos anos na cidade por este aspecto.

¹¹ Este concurso de beleza possui as seguintes regras: clientes somente maiores de 40 anos, que usarão trajes de gala feminino, sendo excluídos do concurso as travestis ou aqueles que apresentem modificações corporais do gênero.

do prazer envolvendo o sexo são re/contadas incansavelmente em rodas de amigos (clientes e boys).

Farrapos¹² dos prazeres. Desejos em farrapos? Sim. Não. Mas também. Representações despedaçadas do que se imagina para uma vida viável e para as paragens de um idoso convencional (dito ‘normal’): procurar um lugar e um (e não uma) amante entre ‘veados escandalosos’, travestis, craqueiros, traficantes e garotos de programa. Neste palco algo faz arder as significações arbitrárias de abjeção sobre a prostituição, a homossexualidade e a velhice, realocando o corpo e a vida. O sexo tarifado (no serviço da prostituição) pode significar um ‘problema’ no que tange ao processo de “envelhecimento homossexual” (e retomo aqui na ideia segundo a qual o envelhecimento é um problema em relação às normas de conformidade à ‘identidade gay’). A experiência do sexo pago ocupa um lugar privilegiado nos discursos normativos como um destino reservado aos “perversos”, aos “homens miseráveis”, “solitários” e de “tipo físico aberrante” (o “problema gay”). Isto é: algumas práticas desobedientes no interior das formas dissidentes da sexualidade agonizam entre as permanências tributárias de uma representação de alguma coisa vergonhosa, suja e/ou imoral, sobretudo para muitos gays. Embora essa ideia de um corpo e uma prática erótica impensáveis, cercados por moralidades de todas as ordens, seja predominante, é possível fazer outra leitura sobre as relações entre clientes e profissionais do sexo. Foi sobre esta perspectiva outra que apoiei minha análise sobre o envelhecimento. Em relação a esta ardida disputa de significados, opero com a ideia de que os discursos normativos sobre o envelhecimento (e mesmo a própria ideia de periodização da vida que toma corpo na Modernidade), assim como as relações sociais estigmatizantes em torno da prostituição, contribuem de forma importante nas situações de exclusão e de violência que cercam essa sociabilidade. Segundo esta perspectiva, a vulnerabilidade (por vezes individual, por vezes coletiva) que emerge da sexualidade dita marginal pode ser considerada também a consequência material de uma epistemologia normativa¹³ do mundo, como experiência edificada socialmente e que se cruza com outras desigualdades sociais (como, por exemplo, a pobreza e o racismo).

Mesmo diante da abertura de novas perspectivas e maneiras de perceber a questão, considerando-se ainda um giro epistemológico que tem deslocado os discursos

¹² Nome da avenida onde se concentra o maior número de estabelecimentos que fazem parte dessa pesquisa. Constitui-se com uma região de muitos espaços de oferta de serviços de prostituição.

¹³ Estas ideias encontram-se apoiadas nos trabalhos de Eve Kosofsky Sedgwick (1990; traduzida para o francês 2008) e de Judith Butler, publicada na França em 2006.

simplificadores para o entendimento da prostituição, trabalho sexual, ou simplesmente do sexo (explicitamente) tarifado, não faltam evidências de que a representação desta como um lugar abominável ainda persiste para muitos. A precariedade econômica ou mesmo um trauma sexual residual de abuso, violência sexual, assédio moral, etc., como origens para explicar a esta relação social perduram nos discursos acadêmicos e mesmo militantes (no caso das vertentes abolicionistas ou proibicionista). E, ainda que certo número de clientes “gays” jovens adultos¹⁴ faça uso dos serviços do sexo tarifado (ou da prostituição, para usar o termo mais comum), essa situação é quase invariavelmente reportada como um tipo de ‘mau gênero’ em relação também à homossexualidade dita ‘normal’ e apresentável. A prostituição guarda ainda muitas figuras negativas ou inferiorizantes: seja aquela do escândalo moral, seja aquela do folclore, ou aquela da curiosidade pelo excêntrico e modismo.

4. “Eu me arranhei ao te amar”¹⁵: Prazeres e perigos: conceber-se fora da normal/idade

Não são poucas as situações de violência que acompanham esta sociabilidade. Elas são narradas de forma incansável (e com um humor trágico por vezes) que diz algo sobre certos embaraços de uma relação clandestina e dita moralmente “abominável” e sobre a precariedade social de muitos garotos, o que em algumas circunstâncias cria oportunidades para situações de roubo (acompanhados de violência física). No entanto, convém notar fortemente que os garotos não correspondem necessariamente às representações muitas vezes estigmatizantes de homens violentos e perigosos – “assassinos”, “bandidos”, “ladrões”, ou “sujeitos desprezíveis”¹⁶, ou mesmo que estejam vivendo uma vida economicamente miserável e que tenham sempre por objetivo aproveitar da vulnerabilidade dos clientes. Estas representações alimentam apenas um fantasma normativo. E, bem entendido, claro, há sempre a possibilidade de que uma situação perigosa exista de fato (o que pode estar engatado no desejo de um cliente, dependendo da viagem do tesão de cada um); da mesma forma que há sempre a possibilidade de se encontrar clientes cujas relações podem corresponder ao fantasma do homem explorador, abominável, sobretudo pensando tudo poder fazer e dizer protegido pelo ‘poder do dinheiro’. André mostra este tênue limite destas representações que fazem o lençol da cama tramado em prazeres e perigos:

¹⁴ Cabe notar que diferente de um jovem heterossexual cuja iniciação sexual durante muito tempo esteve veiculada a prostituição, a iniciação de um jovem “gay” dificilmente se faz com um profissional do sexo.

¹⁵ Extrato da canção “No analices”, interpretada por Nana Caymmi.

¹⁶ Infelizmente não é raro ouvir de alguns clientes a expressão “guris maloqueiros”, para referir-se aos rapazes.

“Porque eu até tinha um amigo aqui, o Carlos, Seu Carlos, morava lá na minha zona, numa casa com piscina e levava guris pra lá. Ele até servia sempre cerveja e pizza, né, eu digo: ai, eu detesto isso, né. Uma vez ele saiu com dois guris do Era: vamos lá André! Peguei um guri da minha confiança e fui junto. Eu disse: Carlos vão te matar ainda. Vão te afogar na piscina. E não é que mataram ele, lá! Mas ele ostentava, era um Moustang vermelho ali na frente, lá no Era. E ele ostentava. Quem ostenta quem leva pra... Tem pessoas que levam e parecem que estão buscando suicídio, tão buscando ser morto. Entende? Soube de um ali no Gasômetro que levava guri e amarram ele e não sei o que e mataram ele. Tem pessoas que buscam, são infelizes, eu acho. Outro que eu conheço: telefonaram, ah, fulano me deu o teu telefone, eu sou um garoto... Ele recebeu no apartamento, o cara amarrou ele e roubou. Embora que não matou. Está *ar ressabiado*.” (André).

O testemunho de Romeo, 54 anos, outro interlocutor, apresenta o viés “pedagógico” desta relação com o perigo em direção a alguns garotos que não se conduziram propriamente como “bons profissionais”, mas como pessoas que se aproveitaram das situações de vulnerabilidade e clandestinidade que vive muitos clientes da prostituição:

Enquanto me arrumava para ir até a outra sauna, no vestiário das maduras, um dos conhecidos ouviu que eu havia falado no telefone com o boy, dizendo que eu iria buscá-lo. Sem saber quem era outras maduras que estavam sentadas em sofás de couro vermelho, me olharam apreensivas e começaram a me pedir que não o levasse que era um perigo, que fosse como fosse, que fizesse o que tivesse que fazer nesses lugares e não levasse para casa, porque isso, porque aquilo. E começaram a contar as duas amigas maduras que tinham sido assassinadas por boys de programa bonzinhos, lindos e queridinhos. De outro amigo maduro que o boy foi na casa e o amarrou todo e limpou o apartamento, levando o carro. Que primeiro eles faziam confiar neles e depois vinha o ataque. Aquilo foi me assustando. Eu fui pensando na minha situação e fui imaginando o quanto eu criava falsas certezas sobre as prováveis certezas do que ele me dizia. Dizia, falava, e eu forçava na crença de que era verdade e inventava outras coisas para o entorno dessas falas se fortalecerem como verdades do que eu nem sabia se era mesmo real. Não tinha como saber. A mesma história. Uma mulher com um filho – da outra, que não sabe de nada sobre o homem que ela vive. De onde ele tira o sustento e paga o aluguel. Ou finge que não sabe, ou pensa que é outra coisa. Um rosto bonito e um corpo jovem que se oferece com limites, para a troca financeira. Não mais que isso, mas com muitas promessas, além disso, e com a esperança da alma cicatrizada no fundo do eu do homem maduro. Esses pensamentos foram tomando conta de mim naquele momento em que vestia e ouvia os maduros falando para me cuidar, que não fosse que não fizesse porque eu poderia me arrepender depois. Interessante é que eu nunca havia conversado com essas pessoas e elas não tinham a mínima noção de mim, nem sobre quem era o bofe.

Romeo em 25.01.2010, por e-mail.

Não é menos evidente que o jogo é aberto e que as condições das relações tarifadas se articulam a significados culturais e à vulnerabilidade dos sujeitos envolvidos nessas cenas. Dessa forma, para além dos riscos apresentados, há outras apreensões e outras histórias que deixam marcas mais valorizadas pelos clientes. São as marcas da traição e da falta contra os bons sentimentos, a inveja, a vaidade ferida, ou ainda os ciúmes que

devem ser gerenciados (e que em alguns casos constituem muitos riscos materiais, sobretudo pelo montante a ser pago ao amante profissional que pode inflacionar significativamente). Além disso, a dor que resta de um amor não correspondido (ou de um serviço de amor não bem feito), ou ainda de um amor que demanda mais do que o cliente pode pagar, podem levar a situações suscetíveis de colocar em risco a imagem pessoal e ou a própria vida (e isso não é um mito).

Mesmo que quase todos os meus interlocutores (os idosos) dessa pesquisa se digam homossexuais, o espaço onde vivem esta sociabilidade não é um espaço exclusivamente homossexual. E no baile da diversidade de performances de masculinidade que se agenciam neste local, os jogos hetero e homonormativos encontram potencialidades de deslizamento nas performances e representações que produzem bons e muitos problemas ao gênero. Os resíduos da heteronormatividade perduram e exibem-se e podem abrir cenas de violência física e patrimonial (inclusive às vias da violência letal). Estes restos heteronormativos encontram-se materializados nas performances da masculinidade hiper viril, como objeto de desejo por muitos clientes em relação aos garotos. E da parte de alguns garotos de programa esta é uma questão de honra a gerenciar. A narrativa de André aponta um pouco para as tensões e os arranjos que se produzem na relação de um cliente com um garoto de programa:

“Ele diz, assim: não, homem pelado me dá nojo. Entende? Eu conheci ele... Ele nunca tinha andado com ninguém. Eu conversei tanto, porque eu sou intuitivo. Eu tenho um instinto assim, ó, intuitivo, porque eu conheço as pessoas, Fernando, conheço mesmo. E eu sou um grande manipulador, entende. Então, eu fiz a cabeça dele que eu não era homem. Eu não sou homem. Pra ti, eu sou uma coroa. Então, ele pensa de mim isso.” (André)

Os trabalhos de Mendes-Leite (2000; 2003) oferecem a possibilidade de pensarmos que existe uma tensão no terreno das experimentações da (homo)sexualidade que não se acomodam tranquilamente e necessariamente por ocasião de um espaço configurado que se destina a um grupo supostamente identitário (como se esta representação fosse fechada, sem ranhuras, fissuras, etc.). Segundo o autor: “existe toda uma diversidade de categorias, de papéis, de extratos sociais, de diferenças de idade, etc. E eles evidenciam que esta diversidade é móvel, se transforma no curso do tempo e frente às mudanças sociais”. (2003, p. 207). Da mesma forma os estudos clássicos de Richard Parker (2002), Néstor Perlongher (1981; 1987), Veriano Terto Jr (1987) e Peter Fry (1982) corroboram essa perspectiva de diversidade e de mudanças sociais ao considerar interseccionalidades sociais e dimensões culturais distintas. E para o contexto específico deste recorte do trabalho de pesquisa desenvolvida aqui, eu

acrescentaria mais uma tensão no jogo das disputas que cercam um terreno “diverso”. Diria que um homem idoso que entra nestes jogos, caso ocupe a posição de uma vida humilhada, envergonhada, triste e desprezada, não tardará em se confrontar com algumas situações de fragilidade em relação a alguns jovens garotos, que podem e sabem muito bem como explorar essas posições de precariedade que se apresentam para um idoso que se aventura nas tramas do sexo pago. Mas esta é a evidência menos importante no cotidiano das praticas que cercam a cena do sexo tarifado. Muitos homens se saem bem destas situações, sobretudo aqueles que de certa forma se “desapegaram” das posições estigmatizantes sobre a sexualidade que muito facilmente interpelam o idoso como aquela monstruosidade seja ele homo ou heterossexual nas suas práticas eróticas. O que diz André sobre as representações de si que entram em jogo numa transa com um garoto de programa, me pareceu importante para compreender algo sobre uma cultura que hierarquiza e desqualifica o idoso, a homossexualidade e um movimento de reversibilidade/’negociação’ desta ‘imposição’:

“André: Sim. Eu procuro me ver agradável, bonito, entende?, sadio, porque senão vai ficar difícil... Porque eu acho que a auto-estima baixa é essas pessoas que se sentem diminuídas, então, em vez de dar 50, da cem pro boy, porque ta saindo me aguentando... não!

Fernando: Isso não te pega?

André: Não, o bom sou eu. Eu, entende?. Eles têm a juventude, mas eu tenho o dinheiro, que é importante na velhice. Na velhice tu gastas um monte.”

5. “Por tudo o que eu não posso ser, eu te amo”¹⁷: Amor com amor se paga?

Entre dublagens e nas pistas nós podemos escutar os sussurros e os gemidos da normalidade, por meio de paródias de gênero (BUTLER, 2005d) e novos (des)arranjos de sexualidade. E mesmo que o desejo de fazer casal ou de estabelecer uma conjugalidade se encontre aqui veiculado, ele se distancia de outros desejos assujeitados aos referentes de uma “vida gay normalmente viável”. O ponto interessante é que as cenas realizadas nesses espaços permitem uma possibilidade de entradas e saídas do regime romântico, e de outra parte desenvolvem diferentes performances de gênero em sociabilidades homo/eróticas. Estes homens traficam significados, roubam a cena e instalam o mal-estar nas instituições e regimes epistemológicos de inteligibilidade.

Sem desconsiderar os riscos presentes nos relatos anteriores, como a violência ou mesmo a desilusão amorosa que produz algum sofrimento (para aqueles que têm uma menor ‘habilidade’ para lidar com o romance de zona), esta sociabilidade não pode

¹⁷ Extrato da canção “Sonho por Sonho”, composição de Leandro e Leonardo, interpretada por Adriana.

ser ‘lida’ como constantemente violenta. Claro que o perigo está sempre rondando a cena. Mas existem outros aspectos desta sociabilidade que a ressignificam. Este é um lugar de festa e de encontro, sobretudo. E é um lugar marcado por uma estetização da homossexualidade e do amor pelos rapazes. Dionísio, também aos 67 anos, costumeiramente utiliza a expressão “glória do gênero” para traduzir o que se passa ali naquele espaço de extravasar e de “arrasar corações” (sic). O Bar é o lugar para viver a louca paixão pelos rapazes, para viver como uma ‘louca’. É ainda o espaço do espetáculo e da alegoria de si. Dramatização que se exprime pelos senhores clientes através do amor e dos ciúmes e da inveja. Pela “najação”¹⁸ do outro - desqualificar ou “tombar com a amiga”. E é isto o que ocupa a cena e que conta explicitamente nessa “*mise-en-scène de si*”. O perigo parece estar sempre por perto, mas existe o prazer e a festa, os amigos, os espetáculos das transformistas ou ainda, como demonstra Claudio Ricardo de Freitas Nunes (2009), os gogo-boys, que ocupam particular posição nesta cena, ao oferecerem aos garotos de programa a medida de uma “boa performance” para encantar e seduzir a clientela e manter a masculinidade viril (e indubitavelmente ativa!, no espaço (pistas) da cena pública). É o espaço de se enfeitar e de se perfumar, o lugar para mostrar-se belo, exuberante e glamoroso.

Os senhores presentes nesta tese roubam os significados do amor e do sexo, exibindo algo das muitas ficções que cercam as condições de nosso tempo para dizer que alguém é uma vida que vale a pena ser vivida. As dublagens da vida no interior do Bar rasgam os scripts geracionais para esta experiência de inteligibilidade, abrindo a possibilidade de outras narrativas de si neste corpo que estaria fora do palco das performatividades do gênero. O que o este outro texto traz? Talvez algumas pistas para outras formas de experimentar a (homos)sexualidade, transando novos problemas de gênero: por vezes desafiando, por vezes acatando, por vezes negociando com as normas que instituem a inteligibilidade da pessoa através de gestualidades, formas e densidades corporais.

Nessa cena que apresentei, acredito que os seus protagonistas negociam o tempo todo com os atributos que servem para interpretar o gênero: beleza, leveza, plasticidade, suavidade, força ou desde as superfícies feitas em músculos, cabelos, cor e luz dos olhos, a textura e o “tom” da pele, a forma de andar e tudo o mais de algo que, em pele,

¹⁸ Derivado da expressão “cobra naja”, daí que o neologismo “najação”. O termo pode significar “destruir o outro”, “derrubar”, “tombar”, agir maliciosamente e de forma a por o outro/ a outra no seu “devido lugar”.

revele o e corpo. A sexualidade deita-se com estas formas em práticas, posições, temporalidades e em seus acopamentos eróticos, dublando a vida dita inteligível.

O corpo do idoso como monstruosidade abjeta é contestado no instante mesmo em que os enunciados desqualificantes mudam de lugar, produzindo para si outras possibilidades de representação – vestindo outros ‘figurinos’ nesta cena. Noutros momentos, cabe ressaltar, estas figuras podem deslizar em uma nova norma, no interior da própria cena de contestação - no interior da “decoração” deste novo cenário de si.

Foi a partir das narrativas (de si) elaboradas por alguns dos sujeitos que frequentam este bar que tive a oportunidade de elaborar um entendimento sobre o arranjo discursivo que faz uma erótica outra para outra forma de envelhecer. Esta experiência de sociabilidade me permitiu arriscar uma análise sobre a trama gênero, sexualidade e idade, numa ligação produtiva para compreender os jogos discursivos da heteronormatividade e da homonormatividade que se tramam aos regimes do “velhicismo”.

São distintas as possibilidades de experimentar esta cena da prostituição enquanto cliente e escolhi aquela que me parecia ser mais eficaz no entendimento das relações que cercam a velhice como abjeção, e também que pudesse dizer algo mais contundente sobre os jogos performativos do gênero e da sexualidade. Ocupei-me em analisar uma cena mais “folclórica”, mais paródica, mais exibida, mais divertida, mais delitativa, fechativa (nos termos de um roubo cênico dos sentidos, expressão esta bastante utilizada nos espaços LGBT), sem deixar de estar atento aos problemas que, nesta relação, o gênero porta em termos de novos arranjos normativos. Pode-se dizer que, de alguma forma, se experimenta neste ambiente uma sorte de monetarização explícita dos sentimentos e das emoções. Isto pode significar que um tipo de tráfico de valores borra as fronteiras do que se institui como natural e incontestável: o amor anexado à sexualidade como fundamento de desejo, como “dom” (OGIEN, 2010) e referente para certo status de humanidade. Vender ou comprar serviços que produzem momentos de sentimentos corrói a política da humanização moderna da vida, abrindo possibilidades para que nos deparemos com seu caráter fabricado em quase todas as suas relações, suas produções etc.

O analisador central desta cena é o “amor romântico” explicitamente tarifado, que pode ser tão ficcional quanto aquele que carrega a “verdade” sobre os sujeitos modernos: a conjugalidade normativa, fusional, expressa nas pedagogias românticas contemporâneas. Considerando-se o instante ou a aparência do romance, vivido em

uma noite de orgia, pode ser que o que conte (e deve ser negociado financeiramente) para estes homens refira-se a alguma virada ‘jogo’, onde os ideais regulatórios da conjugalidade heterossexual ou mesmo da conjugalidade gay são distendidos – forçados e a serem consumidos no local. O que interessa aqui é pensar que este tráfico que ocorre no interior do bar engana a vigilância da aduana das moralidades. Os sentimentos e emoções são fabricados político-culturalmente, ‘sussurram’ os casais no bar. Ouve quem quer e somente não sente inveja que não deseja ver.

Assim, é desde um movimento de desgoverno que concebo a ideia do amor romântico (fundamento de uma conjugalidade) e como discurso organizador e eficaz na manutenção dos regimes compulsórios da sexualidade e do gênero. Isto é, ao operar com a ideia de amor e romance enquanto enunciados discursivos acionados a partir dos jogos políticos na constituição da modernidade (FREIRE-COSTA, 1998; CHAUMIER, 1999) aposto na tese de que o amor romântico funciona como medida de inteligibilidade para o gênero e para a sexualidade. O amor romântico permanece como uma das instituições mais eficazes para conferir status de humanidade. O que pode representar dizer que o amor se eleva ao status de referente de inteligibilidade a partir de um conjunto de enunciados que formam os textos prescritivos institucionais que estão colocados à serviço da gestão da vida (FOUCAULT, 1976). Isto é: alguém até pode “ser” homossexual, mesmo com toda a onda religiosa ou familista fundamentalistas, mas desde que demonstre amor pelo outro e queira-se mostrar um sujeito viável, possível, reconhecível. Não faltam bons modelos e pedagogias para que a ‘homossexualidade’ se apresente quase na medida de um sujeito heterossexual: especialmente na sua relação estreita com os referentes de parentesco normativos, instituídos e amarrados nas tramas da reprodução e da monogamia. Isto significaria dizer que um sujeito idoso que se reconhece como homossexual teria bem menos chances de permanecer neste grau de inteligibilidade.

6. “Pouco me importa se tu me amas. Dane-se o mundo”¹⁹: Por uma noite apenas. E fim de caso. Notas para concluir.

A cena que apresentei flagra ironiza os delírios de hierarquização da vida que vêm no rastro da modernidade, sobretudo através do parentesco e da conjugalidade como formas de inteligibilidade privilegiadas para certo status de humanidade. Ela se faz possível mesmo criando hierarquias internas. O baile das contradições se reinventa o

¹⁹ Extrato da canção “L’Hymne à l’amour”, interpretada por Edith Piaf e dublada por Maria Helena Castanha.

tempo todo. A vida apresenta possibilidades de escapar de certas moralidades, mas não está isenta de novos arranjos normativos.

Desde estas reflexões, e pelo momento, persigo no esforço de uma análise crítica sobre os discursos que nos produzem como sujeitos inteligíveis socialmente; e com atenção aos clamores da normalidade ao seio da própria “vida LGBT” (imaginada desde sempre como algo libertário e contestatório, o que aqui podemos dizer trata-se de um mito normativo). Como diz Dionísio: “*This is my life!* Uma parte dela, claro.” Assim, para além das idéias de subversão presentes nesse contexto, sublinho que as paródias de gênero e do amor romântico guardam ainda uma imagem produtiva do escândalo e da provocação, mas especialmente para aqueles que restam fixados às representações canônicas do corpo, este colado de forma forjada ao gênero, à sexualidade e às idades da vida. Ousaria ainda dizer que estas representações e crenças perduram enquanto o amor permanecer sob o abrigo da desconstrução e desde sempre preso a uma preciosidade “higienizada”, familista conservadora, moralmente sentimental, grudenta e melódica que visa conservar perenes as hetero e homonormas - os tentáculos (cariados) da heterossexualidade obrigatória (RICH, 2001).

Referências bibliográficas

- BUTLER Judith, 2005a, *Humain, inhumain. Le travail critique des normes*. Entretiens, Paris, Éditions Amsterdam.
- _____, 2005b, *Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales y discursivos del sexo*, Buenos Aires/Barcelona/Mexico, Paidós.
- _____, 2005c, *Le récit de soi*, Paris, Editions PUF.
- _____, 2005d, *Trouble dans le genre. Pour un féminisme de la subversion*. [1990]. Paris: La Découvert.
- _____, 2006, *Défaire le genre*, Paris, Éditions Amsterdam.
- _____, 2010, *Ce qui fait une vie. Essai sur la violence, la guerre et le deuil*. Paris : Editions la Découvert.
- CAIAFA Janice, 2007, *Aventura das cidades. Ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora da FVG.
- CHAUMIER Serge, 1999, *La déliaison amoureuse. De la fusion romantique au désir d'indépendance*, Paris, Armand Colin.
- DUGGAN Lisa, 2003, *The Twilight of Equality?: Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack On Democracy*. Beacon Press.
- ERIBON Didier, 2003, *Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes*, Entrée « l'âge », Paris, Larousse.
- FRY Peter, 1982, *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*, Rio de Janeiro, Zahar.
- FOUCAULT Michel, 1967, «Des espaces autres », *Dits et écrits II, 1976-1988*, Paris, Gallimard.

- _____, 1976, *Histoire de la sexualité. Tome 1 : La volonté de savoir*, Paris, Gallimard.
- _____, 1984a, « Michel Foucault, une interview: sexe, pouvoir et la politique de l'identité. », *Dits et écrits II*, 1976-1988, Paris, Gallimard.
- _____, 1984b, « Une esthétique de l'existence », *Dits et écrits II*, 1976-1988, Paris, Gallimard.
- _____, 1984c, « L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté », *Dits et écrits II*, 1976-1988, Paris, Gallimard.
- _____, 1995, Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, H e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREIRE-COSTA Jurandir, 1998, *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*, Rio de Janeiro, Rocco.
- KRISTEVA Julia, 1980, *Pouvoirs de l'horreur*, Paris, Editions du Seuil.
- LAGRAVE Rose-Marie, 2009, « Ré-enchanter la vieillesse », in *La tyrannie de l'âge*. Mouvements, n° 59, juillet-septembre, La Découverte, Paris.
- LOURO Guacira Lopes, 2000, « Pedagogias da sexualidade » in LOPES-LOURO, Guacira, *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte, Autêntica.
- MENDES-LEITE Rommel, 2003, « Sens et contexte dans les recherches sur les (homo)sexualités et le sida : réflexions sur le sexe anal », in BROQUA, Christophe et al, *Homosexualités au temps du sida. Tensions sociales et identitaires*, Collection Sciences Sociales et Sida, Paris, ANRS et CRIPS.
- MENDES-LEITE Rommel, BUSSCHER, Pierre-Olivier, PROTH, Bruno, 2000, « Civiliser la sexualité. Des lieux de sexualité anonyme aux back-rooms », in MENDES-LEITE Rommel, BUSSCHER Pierre-Olivier, PROTH Bruno, *Chroniques socio-anthropologiques au temps du sida. Trois essais sur les (homo)sexualités masculines*, Paris, l'Harmattan.
- NUNES Claudio Ricardo de Freitas, 2009, *Masculinidades em cena – um olhar etnográfico sobre a prática do strip tease masculino em contexto específico*, projeto de tese de doutorado, Porto Alegre, UFRGS/PPGEdu.
- TERTO-JR Veriano, 1987, *No escurinho do cinema. Socialidade orgiástica nas tardes cariocas*, Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, PUCRJ.
- PARKER Richard, 2002, *Abaixo do Equador: Culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil*, Rio de Janeiro, Record.
- PERLONGHER Néstor, 1987, *O negócio do Michê. A prostituição viril em São Paulo*, São Paulo, Brasiliense.
- _____, 1981, « Prostitución homosexual: el negocio del deseo », San Miguel de Tucumán, Revista de Psicología de Tucumán.
- OGIEN Ruwein, 2010, *Le corps et l'argent*. Paris: La Musardine.
- RICH Adrienne, 2001, *Sangre, pan y poesia, Prosa escogida 1979 -1985*, Barcelona, Icaria Antrasyt, Mujeres, Voces y Propuestas.
- SEDGDWICK-KOSOFSKY Eve, 1990/2008, *Epistémologie du placard*, Paris, Amsterdam.